

VISÃO DO CORREIO

Não há justificativa aceitável para o tarifaço

Não existe justificativa econômica, comercial ou diplomática aceitável para a tarifa adicional de 25% imposta pelos Estados Unidos aos produtos brasileiros. Adotada com base na Seção 301 da Lei de Comércio norte-americana, a medida não corrige concorrência desleal nem responde a um desequilíbrio provocado pelo Brasil. Ao contrário: o país mantém déficit comercial com os Estados Unidos, fato que desmonta o argumento de que nossas exportações prejudicariam sistematicamente a economia norte-americana. A decisão é essencialmente política. Washington reuniu acusações desconexas — do funcionamento do Pix às decisões judiciais sobre plataformas digitais, passando pelo etanol e pelo desmatamento — para justificar uma punição previamente definida. O governo Trump decidiu ampliar as barreiras protecionistas e, depois, procurou argumentos para enquadrar o Brasil.

Nas audiências realizadas nos Estados Unidos, 63 das 78 manifestações de empresas e entidades brasileiras e norte-americanas foram contrárias às tarifas. Muitas advertiram que os produtos brasileiros taxados são insumos utilizados pela indústria dos Estados Unidos. Encarecê-los significa elevar custos de produção, alimentar a inflação e transferir a conta ao consumidor norte-americano.

A seletividade das exceções confirma o caráter eleitoral do tarifaço. Café, carne, suco de laranja, petróleo e componentes aeronáuticos foram poupados porque sua taxação produziria aumentos perceptíveis nos preços. A Casa Branca protegeu os setores nos quais a retaliação provocaria maior desgaste interno. Máquinas, calçados, etanol e outros manufaturados, porém, foram sacrificados.

Mais absurda é a tentativa de apresentar o Pix como prática comercial desleal. Desenvolvido pelo Banco Central durante o governo Michel Temer, implantado na gestão de Jair Bolsonaro e ampliado sob Lula,

o sistema é uma política de Estado. Reduziu o custo das transações, estimulou pequenos negócios, incluiu milhões de pessoas no sistema financeiro e aumentou a segurança das operações. É uma infraestrutura pública, não uma empresa artificialmente protegida para expulsar concorrentes estrangeiros.

Também é incongruente que Trump utilize o desmatamento como justificativa. O mesmo presidente retirou os EUA duas vezes do Acordo de Paris e relativiza compromissos ambientais. A preocupação ecológica é argumento de conveniência, empregado contra o Brasil, mas abandonado quando contraria os interesses da Casa Branca.

A tarifa de 25% transforma o Brasil no segundo país mais atingido pelas barreiras dos Estados Unidos, atrás apenas da China. Parceiro dos norte-americanos, chineses, europeus, árabes e africanos, o Brasil preserva uma tradição de autonomia diplomática incompatível com a lógica de subordinação que orienta a chamada “Doutrina Trump”.

Isso não significa que o governo brasileiro deva responder com bravatas. A Lei de Reciprocidade Econômica é um instrumento legítimo, mas precisa ser usada como alavanca de negociação, não como gatilho de uma escalada. A firmeza na defesa da soberania deve caminhar ao lado do pragmatismo diplomático.

É particularmente reprovável que Flávio Bolsonaro e seus aliados procurem atribuir ao governo Lula a responsabilidade pela ofensiva. Divergências internas não autorizam representantes eleitos a defender pressões estrangeiras contra a economia nacional. Ao se associar politicamente ao tarifaço, o bolsonarismo prejudica exportadores, trabalhadores e empresários brasileiros, muitos dos quais integram a própria base eleitoral. O governo Lula pode ter cometido erros diplomáticos e deve manter abertos os canais de negociação. Nada disso, porém, legitima uma punição assentada em alegações contraditórias e interesses eleitorais.



MARCOS PAULO LIMA
marcospaulo.df@cbnet.com.br

A tabela de Messi com astros

Tive a honra de participar, ontem, de um momento histórico na Copa do Mundo. Nem gosto de usar “histórico”, uma palavra tão banalizada e transformada em clichê no nosso tempo, mas, sim, foi. Lionel Messi participou, talvez, da última entrevista coletiva em seis edições disputadas no principal torneio da Fifa. Tímido, estava com aquela fisionomia expressando: “O que estou fazendo aqui?”

Não era um contato com jornalistas. Messi driblou o protocolo oficial de entrevistas dos capitães e dos técnicos da Espanha e da Argentina. Não deu as caras. O goleiro Dibu Martínez e o técnico Lionel Scaloni assumiram a missão. Do outro lado, o dono da faixa de La Roja, Rodri, e o dono da prancheta, Luis de la Fuente, no quinto andar do Javits Center, em Nova York. De repente, Messi surpreende. Aparece dois pavimentos abaixo em um evento oficial da Fifa para torcedores — o Fanatics Fest 2026. O evento anual é uma Expo, feira de esportes em Manhattan.

As perguntas direcionadas a Messi não foram da imprensa. Astro aposentado da NBA, Tom Brady foi quem fez a pergunta mais relevante. O ex-esposo da modelo Gisele Bündchen pegou o microfone e questionou sobre a icônica imagem de Joan Monfort, na qual o craque eleito oito vezes melhor do mundo dá banho no bebê Lamine Yamal em 2007. A Pulga tinha 19 anos, como mostrou a reportagem de ontem do **Correio**.

Lionel Messi respondeu: “Lamine é um grandíssimo jogador. Ele joga em um clube que eu amo. Eu sempre li desejo o melhor. E sobre a foto, é uma loucura, porque na minha vida eu também fiz uma foto com vários bebês, e estamos com os dois tentando

uma Copa do Mundo. É uma loucura”, disse o craque, saudado por uma legião histórica de fãs no espaço restrito a poucos no evento de Gianni Infantino.

Em seguida, Messi fez elogios a Lamine Yamal. “Ele é um dos melhores do mundo neste momento, sem dúvidas. Enfim, é uma loucura. Desejo sucesso, porque ele joga no Barcelona também, e, bom, tentaremos fazer uma boa partida para que ele não entregue a melhor versão. Mesmo que seja difícil, tentaremos, tanto ele como a Espanha, que não é só o Lamine, que é um grande jogador. Que ele tenha um grande jogo, e, bom nós também”, respondeu, sob aplausos.

O tenista sérvio Novak Djokovic também levantou o dedo na rápida inquisição. O colecionador de 24 títulos de Grand Slam perguntou a Messi como ele alivia a pressão. “Nós seguimos jogando o futebol, com muita paixão, com muita vontade de sempre jogar, competir. Desde quando estávamos em qualquer dia, sem conhecer o lugar, sem nenhum colega no campo, ou em alguma equipe, ou estávamos todos em alguma equipe no nosso bairro, muito pequeno, enfim, acho que nós sempre pensamos com a atenção para que passemos como algo natural, de jogar, de se divertir, de competir, porque no final somos um grupo competitivo, que não gosta de perder, mas é um esporte, um esporte coletivo, que o rival sempre joga também, e que nem sempre se pode ganhar. Eu aprendi a entender que também se perde mais do que se ganha, e isso me fez crescer como pessoa e como jogador”, encerrou Messi, observado de perto por outro gênio, Kevin Durant, bicampeão da NBA, a liga norte-americana de basquete. Sim, foi uma tabelinha histórica. Memorável.

DIA INTERNACIONAL NELSON MANDELA

“Nenhum poder na Terra é capaz de deter um povo oprimido, determinado a conquistar sua liberdade.”

Nelson Mandela
Líder político africano
1918 - 2013



» **Sr. Redator**

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» **E-mail: sredat.df@dabr.com.br**

Mais do mesmo

A política deveria servir ao bem comum por meio da construção coletiva, mas, no Brasil, o sistema institucional gera percepções divergentes entre otimistas e pessimistas. A propósito, o escritor inglês Frederick Langbridge (1849–1922), certa vez, disse: “Dois homens olham pela janela. Um vê a lama e o outro vê as estrelas”. A paisagem lamacenta sobressai à visão estrelada porque o olhar humano tende a se fixar mais nos obstáculos terrenos do que nas possibilidades celestes. A transformação da realidade só ocorre quando a consciência coletiva reconhece seus limites e age para superá-los. No Brasil, apesar das inúmeras reformas políticas e administrativas, muitas revelaram-se superficiais, sem enfrentar de fato os problemas estruturais do país. Assim compreendemos melhor a crítica de Machado de Assis (1839–1908), em Esaú e Jacó (1904), quando convida o leitor a desconfiar dos ciclos de continuidade disfarçada: “Nada se mudaria; o regime, sim, era possível, mas também se muda de roupa sem trocar de pele”.

» **Marcos Fabrício**
Asa Norte

Diplomacia e respeito

O Brasil, mais uma vez, é alvo de ataques grosseiros vindos de quem deveria saber que diplomacia não é panque. Isso é desrespeito! E esse tipo de ataque não nasce do acaso. Nasce de um mundo cada vez mais tomado por radicalismos, por discursos inflamados, por fake news, pelo mau uso da inteligência artificial, por gente que prefere provocar a construir. Nesse cenário, o Brasil vira alvo fácil de narrativas que não nos representam. Diplomacia exige respeito e firmeza pois é a dignidade de um país inteiro que está em jogo.

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

Nosso Pix

O Pix é um instrumento criado pelos brasileiros e que deu muito certo. Segundo pesquisas, 80% de nossa população já o utilizaram e 90% o aprovam. Por isso, não devemos aceitar críticas nem interferências externas tentando atingi-lo. Em sua defesa, repetimos o que dissemos no passado em relação ao petróleo: “O Pix é nosso”.

» **Sylvio Belém**
Recife

Jogo de cabeça erguida

Pelé, o maior de todos, aplaudiria feliz o discípulo argentino Messi. Craque sabe furar marcação dura. Leva marcadores com ele. Finge que cansou. Vai saindo pelas pontas. Joga de cabeça erguida. Grita e orienta companheiros. Levanta os braços. Quer a bola. Enxerga espaços. Pede calma nas horas difíceis. Craque sabe o perfume que a bola gosta. Mostra que tamanho não é documento. Que o digam Maradona, Zico, Gerson, Zinho, Dirceu Lopes, Edu. Com a bola nos pés, costuma fazer fila entre adversários. Antes da bola chegar, já sabe o destino que dará a ela. Espanha e Argentina certamente

A família Bolsonaro trabalhou diretamente para concretizar o tarifaço. O tarifaço tem nome, CPF e impressão digital.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Aluno morre após ritual de “banho de óleo” em escola de aviação. Já passou da época desses “trotes”. Está na hora de rever essas práticas abusivas!

Elvira Silva — Porto Ferreira (SP)

Tem uma coisa que eu não entendo: se os reservatórios de água estão baixos, eles falam para a população diminuir o uso e aumentam a cobrança. Agora que os reservatórios estão cheios, não deveriam dar um desconto na conta?

Francisco Araújo — Brasília

Os craques estão fazendo a diferença nesta Copa, Espanha e Argentina prometendo um duelo de gigantes, duelo entre as duas seleções mais fortes da competição. Esse jogo promete! Imperdível!

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

será final memorável da Copa de 2026. Não atrevo arriscar previsões. Seleções ajustadas e ofensivas. Que gostam de ficar com a bola. Que raramente erram passes. Deuses do futebol bem jogado estarão em campo. Cardápio saboroso da partida conta com alguns craques. A lambança de Trump exigindo a anulação da suspensão do jogador dos Estados Unidos ao patético Infantino ficará como o lixo político da competição. Que o careca italiano levará para os anais da Fifa.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Amizade, graça de Deus

Tem razão o ex-presidente e acadêmico José Sarney: “A melhor coisa da vida é a amizade”, em artigo publicado na edição do **Correio Braziliense** de 17 de julho. O título do texto sintetiza o vigor do amigo: “Amizade, graça de Deus”. O próximo dia 20 tem um significado especial para todos que gostam de exaltar a arte de viver. É o dia do amigo. Sarney é categórico: “Quem não tem amigos não viveu, pois deixou de experimentar o que há de mais humano em nós”. O amigo não nos deixa faltar nada. É uma dívida dos céus. Espanta a melancolia, fortalece o espírito. Estimula a convivência. Respeita a individualidade. Pondera com sabedoria. Amo meus amigos. Não vivo sem eles.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO Presidente	
Leonardo Guilherme Lourenço Moisés Vice-Presidente executivo	Ana Dubeux Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.

ANJ WZ
associação de jornais

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS **DA**

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br